

Antes do esvaziamento, a descoberta CAÍQUE COSTA

Lucas Benatti

A memória resguarda traços do passado, de uma vida já vivida que garante, em perspectiva futura, nosso lugar, nossa capacidade de reconhecimento e existência. Só consigo dizer quem sou à medida que uma referência aparece nesta linha do horizonte. Uma linha que Caíque Costa direciona para a temporalidade da própria vida em seus trabalhos.

A memória, nesse lugar de trazer algo que já foi, de atualizar algo que merece ser lembrado, de fazer vir algo de fora, algo que não é mais, mas que é indubitavelmente parte de mim, é um conceito central à elaboração poética do artista. A memória, como garantia dos papéis de identidade, é explorada pelas fotografias de Caíque Costa em sua série “FACES de Joaquim”. O artista, que também é um contador de histórias, da mesma forma que definido por Benjamin, manifesta um cruzamento entre experiências pessoais e coletivas.



Respectivamente: Caíque Costa - Adilson 2016 Fotografia impressa em canvas fine art 73 x 110 cm;
Caíque Costa - Cláudia 2017 Fotografia impressa em canvas fine art 73 x 110 cm

Caíque Costa é um narrador, e para além da própria dificuldade da experiência da alteridade, resguarda-se o problema ou a dificuldade de sua transmissão. O artista, como na figura arcaica do marinho comerciante (nômade), permite-se a (re)criação de narrativas, de passagens, de momentos, de pessoas, de vidas. A proposta não é apenas repetir as formas tradicionais de transmissão, mas procurar inventar novas narrativas, outras possibilidades de leitura. A verdadeira

história do pescador. Algo que confronte o imaginário único, a ideia de repetição, de reprodução.

Como esse marinheiro, que navega nas águas da alteridade, Caíque Costa homenageia as embarcações como essas imagens do movimento, do deslocamento, da ponte, dos encontros. Os navios representam os entre-lugares, os lugares de passagem, o lugar do atravessamento. O navio também é uma metáfora à conexão, neste caso, a conexão com a alteridade, com aquilo que é próprio do outro. É um caminho do artista em direção a sua obra e, ao mesmo tempo, ao seu espectador.

A proposição “Memórias Correntes” (2021) é, sem dúvidas, uma das estratégias de conexão mais interessantes (poeticamente e discursivamente) desenvolvidas pelo artista. O sujeito que se coloca em face da obra vivencia a criação e o compartilhamento. A ideia é de que a obra não tem um fim, que ela caminha e continua a ser descoberta. A imagem do barco, feito de papel, resguarda essa temporalidade. É uma figura delicada, frágil, que quase todos conhecem e sabem fazer, mas que também representa essa possibilidade de desafio, de aproximar-se do Outro, de reviver sua posição como um objeto de descoberta. Uma memória das Grandes Navegações – reproduzidas pela experiência do próximo, de navegar até o outro – o desconhecido.



Caíque Costa - Memórias Correntes 2021 Execução da proposição feita por O Espaço Vazio (vídeo 2'47)

Na sua série de fotografias “Mar de Memórias” o tempo é apresentado em sua passagem, é a captura desse deslocamento, tão presente na poética do artista. Existe um deslize da imagem, um desmonte da paisagem. A paisagem é recortada em sua possibilidade de escoar. A imagem escoar um tempo de algo que eu sei que já aconteceu, mas que parece incessantemente estar acontecendo. Uma vertigem temporal, um desassossego do olhar.



Caíque Costa - Sem título 2018 Fotografia impressa em canvas fine art 60 x 90 cm.

E mesmo quando tudo parece imóvel, como nesta fotografia de 2018, o artista faz perceber o seu movimento. O foco deixa de ser o deslocamento do outro. Eu percebo o deslocamento de quem vê a cena. O sujeito não se moveu, a montanha não se moveu, mas eu me movi. Este é, novamente, um convite ao descobrimento feito pelo artista.